

Pedra das Garças

José Francisco Costa

Se as pedras não falam
de vergonha e solidão
Meus olhos se interrogam
Por que me dizes tanto?

Acolhes no teu xaile de escarpas
Bicos em coro escrevendo as manhãs
Trinados de verde na ponta do morro
manso animal em calma bebendo o mar

Vi quantas vezes a tua sombra tremendo
Com o meu medo do tempo ruim danado
Que assustava homens redes barcos remos
E a alma das mulheres fazia ajoelhar

Pedra do meu espanto de menino
Que ainda navegas quieta de âncora presa
Ao fundo que um dia descobri e abracei
Na líquida solidão de um mergulho inquieto

Não perdi o medo quando o teu corpo toquei
A coragem ganhei de beijar com olhos abertos
A tua idade urdida com dias de sol e chuva
Mais as noites que a teu ventre se acolhem

Pedra minha mãe das tardes plúmbeas
Que cobres no peito viúvo uma dor salgada
E guardas no âmago a nunca bem contada
História de gritos de baleeiros trancando a sorte

Minha irmã da rocha alumiada do farol
Só tu sabes o tom dos signos rezados
Murmúrios nos olhos negros das mulheres
Que te choravam desditas e bendiziam sonhos

Tu viste tudo de semblante encharcado impotente triste
Porque só em ti mora o silêncio das águas

És o coração aberto ao adeus da terra
Que minhas mãos te enviavam inocentes
Por entre a alegria verde de canas faias fetos
E o balho furado das gaivotas imaculadas

E ficavas triste quando o sol me escondia de ti
Ou a água azul se botava escura para receber as estrelas
De cortar a alma era o teu soluço quando nos partíamos
Desfeito que era o abraço arrochado antes da ida

O teu ventre ainda palpita na alegria de me encontrares
Para sempre irmãos com a insular idade de gêmeos
Nascidos em babeiros de tempestades manhãs de vulcões
Tardes ensimesmadas no rito de adivinhar as noites

Para sempre pedra guardo a tua voz comigo
Em fala de mulher noiva no eterno vaivém das luas
Deixa-te ficar
Entre mim e ti
Há terra e o mar